

Mortes vitorianas: corpos e luto no século XIX

Juliana Luiza de Melo Schmitt

Data de defesa: 28/04/2008

Instituição: Centro Universitário Senac

Repressão dos sentimentos, manifestações do luto, mudanças na percepção do fim da vida: em torno desses temas que *Mortes vitorianas* foi escrito. Propõe-se neste trabalho uma reflexão sobre diversas transformações sociais e culturais ocorridas no período oitocentista relacionadas ao conceito de morte.

A partir do século XIX, o homem, cada vez mais privado das possibilidades de expressar seus sofrimentos – encerrados na intimidade dos lares burgueses – e, ao mesmo tempo, exposto à esfera pública da urbanidade moderna, dependia de um conjunto de códigos sociais que lhe indicava o que era prudente ou não de ser mostrado. Aprendia a aniquilar seus instintos, deixando de pensar e agir espontaneamente. Esse corpo vitoriano, docilizado e contido, foi submetido a rígida racionalização em prol de um autocontrole baseado em uma moral ascética e pudica. A primeira parte da dissertação analisa o processo de construção de uma nova ideia de corpo “naturalmente racional”, através da *morte de si*.

Conseqüência desse óbito foi a prevalência de um luto permanente na aparência. Se nos séculos anteriores os homens contavam com uma etiqueta do vestuário bastante ampla, colorida e ornamentada, no século XIX eles têm de se acostumar a um leque de opções mais sóbrias e austeras, negando as cores em sua imagem pessoal. A partir da década de 1850, adotam em definitivo o preto cotidianamente, a cor da morte desde épocas medievais. É dessa grande

mudança na indumentária masculina – e também na feminina, influenciada pelo luto da Rainha Vitória da Inglaterra – que trata o Capítulo 2.

Por fim, é possível perceber no período estudado, uma verdadeira obsessão pela morte. O apego dramático a tudo que se relacionasse a um ente falecido levou a sociedade a práticas próprias de um *culto aos mortos*, como, por exemplo, a de visitar frequentemente o cadáver em sua nova casa-túmulo. Assim, os restos mortais das pessoas efetivamente indicavam sua presença, como uma multidão de mortos-vivos. Os túmulos personalizados, os pertences restantes e os registros fotográficos post-mortem não permitiam que deixassem o convívio dos sobreviventes. O terceiro capítulo contempla esse novo fenômeno inaugurado pelo século XIX: a negação da morte através da preservação do corpo sem vida.